

DE CAMÕES A JOSÉ ALBANO *

Quatro anos de uma influência

OTACILIO COLARES **

Não seríamos, a esta altura do decurso do quarto século da morte de Luiz de Camões, bastante ingênuos para o comprometimento de intentarmos descobrir e revelar algo que fosse realmente novo a respeito de um gênio cuja obra imensa e imortal há sido analisada, ao longo de mais de três séculos, sob as óticas mais variadas e atrevidas.

Uma obra através da qual o iluminado mestre lusitano se nos evidencia portador de todas aquelas qualidades excepcionais que o tornaram, sem qualquer favor, a par de o maior escritor da língua portuguesa em todos os tempos, um dos maiores épicos da poética ocidental e também a mais perfeita expressão do lirismo renascentista europeu.

Nosso pequeno estudo se propõe apresentar a grandeza do autor de *Os Lusíadas* pelo prisma da sua decisiva e indiscutível influência na poesia brasileira, mas — e talvez seu tanto egoisticamente — visando a destacá-la no que concerne à obra do poeta cearense José Albano, a quem mestre Manuel Bandeira colocou entre os dez maiores poetas da língua portuguesa.

Luiz de Camões — pode dizer-se sem receio de exageros — teve no poeta cearense de entre fins do passado século e primeiras décadas do presente uma como réplica, guardadas, evidentemente, as devidas proporções.

* Conferência realizada no dia 12 de junho de 1980, como parte do Simpósio de Estudos Camonianos, comemorativo do IV Centenário do falecimento de Luiz de Camões.

** Prof. Adjunto do Dep. de Letras Vernáculas da UFC. Da Academia Cearense de Letras. Escritor e ensaísta.

Permitamo-nos, entretanto, uma rápida avaliação sobre a obra poética do lírico absoluto do soneto petrarquiano em Portugal, do épico extraordinário da heroicidade homérica lusitana.

Foi Luiz de Camões, na largueza de sua mensagem vérsica, o mais expressivo e representativo painel evolutivo da sensibilidade do povo de sua pátria, entre o medievo e o renascimento.

Com base numa cultura que se pode classificar milagrosa, levando em conta que só pôde dedicar-se ao estudo por tempo limitado, antes de passar a viver a vida aventureira de *globe-trotter* que todos lhe conhecemos, o grande poeta, se no começo foi verzejador nos moldes trovadorescos, quando era aceito nos salões da corte de D. João III, "emulando com poetas seus contemporâneos, até cair em desgraça por motivos não apurados", com o curso do tempo passaria a viver os dramas e grandezas do passado luso, preparando-se a sua estrutura de autêntico colosso para a gloriosa tarefa de monumentalizador da nação portuguesa.

Devemos levar em conta que, ao tempo do aparecimento do poeta nos salões lisboetas, no afirmar de mestre Aires da Mata Machado Filho, "já a literatura portuguesa se delinea, pelos fins da Idade Média, e tinha alcançado o esplendor renascentista".

Na verdade, a tal ensejo, o teatro de Gil Vicente criara já uma espécie de lastro lingüístico específico em Portugal, não devendo ser esquecido que já também se estabelecera uma espécie de alicerce conceituoso e moralista no que escreveram os que foram denominados "moralistas platônicos", a partir do anônimo autor das pregações contidas no livro *Orto do esposo*; homens como Heitor Pinto, Frei Amador Arrais e Frei Tomé de Jesus, os quais foram espécies de institucionalizadores de "uma literatura de idéias", enquanto a língua já se manifestava até certo ponto disciplinada gramaticalmente, através de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540) e os fastos portugueses começavam a alinhar-se como fatos históricos nas páginas basilares dos primeiros clássicos lusitanos, os cronistas: João de Barros, Diogo do Couto e Castanheda. Isto após a literatura entre documental e fantástica de Fernão Lopes, com muita razão cognominado "criador da prosa portuguesa", não podendo ser esquecido o Fernão Mendes Pinto da "Peregrinação".

Mas deve ser dito que, a partir desse lastro prosaico, já encontrara Camões estatuída a atmosfera poética em Portugal, no lirismo do grande Sá de Miranda, portador do espírito humanístico italiano, cujo frontispício foi o *dolce stil nuovo*, de Pe-

trarca e de Dante, estrelas aurorais do chamado "trecento" na terra de Giovanni Boccaccio.

Estavam, assim, maduros em prosa e em verso o povo português e a língua desse grande povo, prontos um e outra para o assentamento da obra monumental camoniana que, a partir dos sonetos, de atmosfera platônica e petrarquiana, fundidos no idealismo quase exacerbado dos amores impossíveis, à leveza popularisca das canções e sextinas, passando pelo médio épico das odes, o helenismo das elegias, oitavas e églogas pastoris, iria chegar aos requintes trovadorescos das redondilhas, das voltas dadas aos motes cavilosos e traiçoeiros dos salões.

E é de ver com que variedade de tons e de intenções se evidenciaram os talentos do amante petrarquiano de Caterina, sempre a predominar no seu verso o tom do gozo secreto em face dos sofrimentos por males d'amor, como nestas

VOLTAS A MOTE ALHEIO

*A dor que minha alma sente
Não (n)a sabe toda a gente.*

Que estranho caso de amor!
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor.
Por se não tornar pior,
Se se sabe ou se se sente,
Não (n)a digo a toda a gente.

Minha dor e causa dela
De ninguém ousou fiar,
Que seria aventurar
O perder-me ou o perdê-la.
E pois só com padecê-la
A minha alma está contente,
Não quero que a saiba a gente.

Ande no peito escondida,
Dentro na alma sepultada;
De mim só seja chorada,
De ninguém seja sentida.
Ou me mate ou me dê vida,
Ou vida triste e contente,
Não (n)a saiba toda a gente.

Se a língua portuguesa tinha seus dulçores como moldura ao requintado sentimento de amor nas sete sílabas da redondilha camoniana, foi no soneto do autor de *Os Lusíadas* que se acrisolaram a leveza e a musicalidade que se evidenciarão também no verso de Antônio Ferreira, Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão.

Assim, na imensa grandeza de sua cíclica mensagem poética, foi o grande Camões a força milagrosa que, reunindo num só homem todos os talentos possíveis e imagináveis, deu brilho e valor esteriotípico ao fulgor de quantos, antes dela, mourejaram em verso e em prosa, no esteamento de uma válida tradição histórico-literária na qual nós, dos Brasis, espelharíamos, a partir do século XVI, a par de nossos entusiasmos e amores pela mãe-pátria, os nossos iniciais arroubos literários.

Prova desse amor entusiástico que, ainda hoje, temos os brasileiros por Camões e seu Portugal, estas palavras que vamos transcrever.

Lançou-as em carta que nos escreveu, em sete laudas, de seu hotel de hospedagem em Pekim, o grande poeta e nosso fraterno amigo Gerardo Melo Mourão, não faz isso mais de um mês:

‘Partamos rápido para Macau, no branco vaporzinho português que flutua sobre as águas do golfo sobre os caracteres chineses e sobre as palavras inglesas e se chama repentinamente, neste fim de mundo, liricamente, nostalgicamente, ‘Santa Maria’. E todas as ruas têm doces nomes portugueses. Passeio pela cidade. As casas, as ruas são tipicamente portuguesas. A arquitetura é a que conhecemos em todas as velhas cidades brasileiras. Recordo-me de Cuiabá, em Mato Grosso. Porém, a presença simbólica da cidade está na antiga catedral de São Paulo. Um exemplar estupendo da arquitetura do barroco português e se parece com as ruínas missionárias do sul do Brasil — a igreja destruída de São Miguel no Rio Grande do Sul — ou algumas dessas igrejas de Assunção do Paraguai. Um incêndio a destruiu. Mas se conserva e se venera, como monumento nacional a fachada, que continua de pé, com seus grandes santos de bronze, impassíveis nos nichos de pedra. Como Macau: já não tem de portugueses mais que a fachada. Uns cinco mil habitantes falam a língua, entre os quatrocentos mil que dizem ser donos da cidade, em seus dezesseis quilômetros quadrados, em uma península da China, sobre o rio das Pérolas, o Huangpu dos chineses. Também sob a jurisdição portuguesa estão as duas ilhas Taipa e Coloane, que a especulação imobiliária começa a transformar em cidade marítima de hotéis de luxo. O projeto é fantástico, com suas edificações em torres redondas

à orla do mar. Porém, além da nostalgia da raça, leva-me a Macau uma outra coisa: — visitar os lugares sagrados, a gruta onde dizem viveu Camões, cujo quarto centenário se celebra este ano. Vejo a gruta onde dizem ele escreveu *Os Lusíadas*. E o pequeno templo grego com sua estátua, as pedras cheias de versos em bronze. É um jardim de grandes árvores floridas, um parque público, com seus bancos de pedra, nos quais velhos residentes, satisfeitos, contemplam o sol que desce lentamente sobre as águas. Miro essas águas. Por elas partiu, faz quatrocentos anos, para ser o primeiro donatário da capitania de Pernambuco, meu antepassado em linha direta, Duarte Coelho. Seu neto faz, agora, na flor de seus sessenta anos, a viagem de volta do avô distante, e há sempre um resto de aventura nesta resposta de fidelidade, de aceitação de uma herança."

E continua a carta o grande poeta cearense, ele também um épico debruçado sobre o seu chão dos Inhamuns e a sua progênie de lusitanos e indígenas, árdegos e belicosos:

"No final de uma rua, abre-se uma praça, e na praça uma espécie de arco do triunfo sobre o qual, entre patrióticas inscrições de pedra, tremula ao vento de Ásia a bandeira de Portugal. É a última fronteira do Oriente. Porque, uns poucos metros mais adiante, os mesmos ventos agitam a bandeira vermelha da República Popular da China. Não tem nada a ver com um espírito colonialista arcaico, certo orgulho de dar-se a gente conta de que a Europa termina onde termina Portugal. E mais: que de toda a grandeza do país aventureiro, de suas navegações e de suas guerras, de seu comércio e de seu poder de antanho não há restado intacto mais que o canto imarcescível dos *Lusíadas*."

Aí está, na vivacidade do estilo epistolar de um dos mais altos poetas brasileiros, que é o autor de *Peripécia de Gerardo* e *No País dos Mourões*, o que consideramos o mais perfeito e eloqüente documento da perenidade de Camões, eternizado no enternecimento de olhar de um brasileiro de fins do século XX, ante a grandeza geográfica do povo lusíada, no percurso dos confins de Ásia, lá por onde o grande bardo penou e lutou por amor de seu Portugal. E se, agora, nos ocorre a citação desse trecho de poema epistolar de amor lusíada do já citado Gerardo, é para mostrar o caso especial que se dá nas rudes terras da antiga zona colonial do *Siara Grande*, onde lusos se espalharam na geografia adusta, sobretudo na criação do gado, aqui e ali deixando que repontem nomes de puro sabor saudosista português, como é o caso da atual cidade de Caucaia, dantes Soure e, ainda hoje, da cidade de Mombaça.

Terras em que nasceu Capistrano de Abreu, o reformulador da metodologia em termos da nossa historiografia, o qual, na mo-

cidade, na Fortaleza, entre os dezoito e os vinte e oito anos, dedicando-se à ensaística literária, deixou, dentre outros estudos ainda hoje válidos pela lucidez, esse magistral trabalho intitulado "Camões de perfil", em que analisa em profundidade o homem, o meio, o tempo e a obra que produziu o perenizador do amor trágico de Inês de Castro, já no comportamento lírico, já na altissonância épica. E vale lembrar que tal se dava em 1881, pois o percuciente trabalho sairia publicado na muito conhecida "Folhinha Laemert", de Portugal. Uma prova de que, há um século, no Ceará, já Camões não era apenas para a mocidade um exemplo de dificuldades gramaticais, sim, um homem sobre cujo labor intelectual havia um consenso de reconhecimento à sua grandeza.

É esta que chamaremos *cearensidade* de Camões que nos propomos abordar, a partir de agora, quando teceremos comentários sobre a obra de um seiscentista que nasceu no Ceará, em finais do passado século, o que há de parecer paradoxo, e que como seiscentista escreveu, porque como tal sentiu e pensou sua alta e sempre muito nobre poesia: JOSÉ ALBANO, sem dúvida, em todo o vasto oceano da poesia de língua portuguesa, o que mais poetou, e com maior donaire e segurança, aos modos de Camões.

Nasceu José Albano na Fortaleza, Ceará, em 12 de abril de 1882, portanto, menos de duas décadas antes do início do século XX, etapa caracterizada, no Brasil e em todo o mundo culto europeu, como o do fim do parnasianismo-simbolismo, prelúdio do advento do que se convencionou denominar *modernismo*.

Filho de português por lado do pai e em indiscutível abastança econômica, apenas completara dez anos (1892) quando foi mandado a encetar estudos de humanidades em austeros colégios da ordem dos jesuítas, primeiro na Inglaterra, depois em França e depois na Áustria.

Em 1902, ou seja, após dez anos desse árduo vigariato estudantil, ao longo do qual se abeberou, sedento, dos conhecimentos lingüísticos do classicismo e de toda a cultura geral clássica, regressa à sua terra de berço.

Tinha vinte e um anos, formara, de menino, sua personalidade inteiramente infenso a qualquer influência de regionalidade, se não temêssemos exagerar falando em anti-nacionalidade.

Era ele, culturalmente, um europeu. Melhor dizendo: era um filho da Europa que, entre os bancos das salas-de-aula e dos prolongados estudos de preferências pessoais despertadas, praticamente não fora levado e sentir de modo intimista a sua vida, na quadra em que a visualização da paisagem natural ou huma-

na da contemporaneidade se faz moldura para os impactos que à juventude são sempre tão necessários e mesmo indispensáveis.

Assim pois, em 1902, era José Albano um estrangeiro que chegava ao Brasil. Ou melhor: era um greco-romano que concordara em aceitar como clima de sua sensibilidade a Europa neolatina de entre o medievo e o renascimento. E tal acontecia no burgo que era a Fortaleza daqueles idos, nas poucas dezenas de milhares de seus habitantes.

Em breve ensaio nosso, datado de 1948, escrito ao ensejo da publicação, pela Livraria Pongetti Editora, da coletânea intitulada "*Rimas*", organizada por mestre Manuel Bandeira, assim escrevíamos:

"Está bem claro, desde logo, o jovem se sentiu frustrado. Tanto assim que, pouco tempo depois, prestava exame para conseguir oficialmente os então chamados "preparatórios" no Liceu do Ceará, o que logrou com natural e óbvio facilidade quem se abeberara nas melhores fontes de cultura clássica. Mas, findos os "preparatórios", que fazer o estudante, se, quanto mais se lhe evidenciavam as altas qualidades mentais, mais adstringente lhe parecia o ambiente da província. O remédio era emigrar, procurar ambiente mais amplo para expansão aos seus anseios e à realização plena dos seus superiores desejos e ideais."

Lá no Rio, de vida literária intensa, à base de Machado de Assis, Nabuco e Bilac, intentou fixar-se, no desejo de formar-se naquilo que, ao tempo, mais poderia aproximá-lo da cultura clássica — o Direito.

Mas, ao que tudo indica, o egresso da Grécia e de Roma, o conviva de Homero e comensal de Virgílio e Horácio, o mais que concordara em progredir no campo das idades fora até a Itália do "trecento", à Espanha de Espronceda e ao Portugal de Camões e, antes dele, dos trovadores. O moço que se acostumara a respirar, pelos livros e a imaginação, no clima dos aedos do classicismo e dos trovadores do alto medievo galaico-português não se acomodava ao clima de pouca profundidade do beletrismo carioca.

Então, eis de volta o jovem Albaninho ao Ceará para, vencedor fácil de um concurso para preenchimento de uma cadeira de Latim no estabelecimento oficial já atrás citado, ao realizar o qual brilharia de modo a irritar a gregos e a troianos, esteve ensinando o idioma de Cícero e de Ovídio pelo espaço de um ano. Mas, já em 1904, voltava ao Rio, passando a ser figura respeitada, por seu alto descortino e preparo, mas também por sua originalidade de deslocado no tempo.

Agripino Grieco, o crítico de pena mais ferina, verdadeira e impiedosa das primeiras décadas deste século, assim lhe faz o perfil, em página muito interessante de seu livro "*Evolução da poesia brasileira*":

"De mim para mim, só me recordo de ter defrontado um homem cuja distinção de maneiras me fazia pensar nos leões do segundo império francês ou na Espanha cavalheiresca dos sombreiros emplumados, das gargantilhas e dos punhos de renda. Foi, exatamente, o poeta José Albano, que eu conheci à porta da livraria Garnier, há quase dois decênios, com uma cabeleira que esvoaçava sob o halo negro do chapéu de abas largas, com uma gravata de laço mais complicado que uma operação algébrica, um monóculo inamovível que nem um terremoto abalaria e uma bengala flexível, de aspecto misterioso, lembrando a vara dos descobridores de fontes subterrâneas."

E continuava:

"Esse intelectual sabia envergar a casaca ou a sobrecasaca, sabia andar na rua, sabia rir, sabia conduzir-se num salão. Metendo nas barbas de mago caldaico umas mãos de cardeal moço, gostava de conversar e sua conversa era um folhetim, um anedotário; ouvindo-o, tinha-se a impressão de ver esses acrobatas que atravessam num salto arcos de papel em chamas, e, quando ele nos falava de suas viagens, era como se folheássemos um livro de figuras ou como se nos debruçássemos sobre uma carta geográfica."

Concluindo sua opinião sobre Albano, assim escrevia Grieco:

"... Intimamente, era um triste, era um dos tais que nascem com uma chaga no coração. Por isso, há um sabor de alma nos seus versos líricos, que nos prendem pela profundidade da emoção, ao mesmo tempo que nos encantam pela doçura prosódica, que é não raro doçura melódica, versos reveladores de uma sensibilidade que vibrava ao mínimo toque, versos que valem por músicas visíveis ou por sonhos palpáveis, versos tão brandos como o vôo de uma névoa. José Albano teve também, quando quis, notas épicas e, nos últimos dias, dias de doença, e até de loucura, foi-lhe a poesia um talismã viático."

Aliás, escrevíamos nós, em 1948, ainda relativamente a José Albano: "no que diz respeito ao Albaninho, Manuel Bandeira conta que, ainda quase criança no Rio, certa feita, ao passar pela calçada da Livraria Garnier, então ponto de reunião diária da nata intelectual da época, teve os ouvidos feridos por uma frase saída da roda ali formada. Uma frase escandida no melhor sotaque lisboeta: '— Não diga asneira, João Ribeiro! Não diga asneiras!' Espantou-se o jovem poeta, então estudante

do Colégio Pedro II, ante aquele modo atrevido, fosse de quem fosse, dirigido a quem, naquela época, assumira projeção fora do comum, como poeta, historiador, esteta e sobretudo profundo conhecedor dos segredos do Vernáculo."

Agora, acrescentaremos, à guisa de esclarecimento: a "asneira" que José Albano encontrara, dita por nosso grande filólogo, era algo ligado ao provençal, idioma de que o jovem cearense era profundo conhecedor, conforme escreveu o brilhante escritor e lingüista Sílvio Júlio, em preciosa memória sobre o Ceará de entre 1918 e 1920, em seu precioso livro *Terra e povo do Ceará*, agora em segunda edição que nos coube apresentar. Ele, Sílvio Júlio, que, por motivo da morte do grande poeta, em 1923, em Paris, adquirira do espólio uma gramática do falar provençal, com inúmeras anotações nas margens, feitas pelo poeta em sua letra nervosa de insofrido cerebrino.

Pois foi nesse José Albano, contemporâneo de Bilac, que o chamaria em certa trova de irônica admiração — "guarda-civil da língua portuguesa"; em José Albano, vivo na Paris onde o simbolismo se transsubstanciava nos movimentos estéticos renovadores do princípio do século, que — até assim parece — viriam a manifestar-se, como numa reencarnação camoniana, a alma e a mensagem do seiscentismo e do quinhentismo.

Sim, porque — sinceramente acreditamos — em nenhum tempo e com tamanha amplitude, a aura da influência de Camões melhor e mais evidentemente se há manifestado do que ao longo do versejar de José Albano. Pois tudo nele, que só fez poesia, a mais pura e a mais nobre, entre o trovadoresco e o bucólico, entre o pindárico e o virgiliano, que tudo isso está contido na essência camoniana, tudo nele se cristalizou em sonoridade e leveza, em altissonância e pompas simbólicas, desde a *ode*, gênero em que ele escreveu a mais linda e comovida louvação ao idioma de seus amores — "Ode à língua portuguesa", expressão perfeita do mais acendrado lirismo exaltatório, aos sonetos sem títulos, numerados de I a IV e que fariam, só eles, parte do que o poeta, em vida, resolveu merecessem publicados, no ano de 1918, integrando a coletânea que intitulou — *Antologia poética de José Albano*. O soneto que, na *Antologia*, tem o número I, achamos, merece agora ressaltado, já pela cadência, já pela conceituação petrarquiana-camoniana de sua textura vérsica.

*Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura,
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.*

*Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana, mas tão pouco dura,
E inda choro o rigor da sorte escura
Se nas dores passadas imagino.*

*Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noite e dia
E só com saudades me atormento;*

*Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento
Senão de ter cantado o que sofria.*

Indiscutivelmente, tudo, no catorzeto, transuda Camões, transuda Petrarca e, obviamente, é manifestação platônica de ceticismo conformista, até certo ponto. Mas, não existisse tudo isso, como vínculo entre o poeta cronologicamente parnasiano-simbolista do ?????? e o lírico renascentista de Portugal, bastariam as peculiaridades formais do primeiro terceto para consagrar a influência inelutável; mais talvez, no caso, que influência; uma espécie de natural integração. Destaquemos, no pré-falado primeiro terceto, seu início pela adversativa PORÉM, após o ponto final do último verso do segundo quarteto. E o trema da palavra *saüdade*, tornada de quatro sílabas pela aposição do sinal de diérese, tão posto em voga por Camões. Isto sem olvidarmos, no caso do aludido primeiro verso, a anteposição da variação pronominal ME à palavra *agora*. Tudo nos moldes do cantor de Dinamene.

É de clima camoniano o sonetear do grande poeta cearense, quando ele começa outro poema de catorze versos assim:

*Amar é desejar o sofrimento
E contentar-se só de ter sofrido
Sem um suspiro vão, sem um gemido*

No mal mais doloroso e mais cruento.

Mas é no soneto de número IV que, ao nosso entender, a integração mais se manifesta, indiscutível:

*Mata-me, puro Amor, mais brandamente,
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquele dia tenebroso e triste
De suplício implacável e inclemente.*

*Faze que a dura pena me atormente
e de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saudável não resiste
E o coração cansado já consente.*

*E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.*

*E abrindo as asas para o etéreo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te siga.*

Não há desconhecer: trata-se de jóia autêntica de lirismo na sua expressão mais docente dolorosa. Se há Petrarca e Camões na forma, o conteúdo é de inspiração dantesca (no que esta palavra em nada possa pressupor atmosfera de pavor, antes de sofrimento de amor acrisolado em arte) pois o poeta se liga ao objeto de seu amor, não mais relativamente à conjuntura terrena, sim, ao paraíso que ele deixa pensar seja o da própria glória. Isto se, tomando o todo pela parte, considerarmos que, para o grande mestre da rima, a palavra RAMO subentende COROA DE LOUROS. E esta, a coroa de louros, é a imortalidade. E isso é puro renascentismo, ou seja, o culto dos poetas, tal como acontecia, em glorificações públicas, nos aúreos tempos de Grécia e Roma.

Mas não vamos, à conta dos sonetos realmente extraordinários do mais camoniano dos cearenses, esquecer-lhe, como preocupação no seguir as pegadas do cantor épico do povo lusitano, a poesia de Albano em metro menor. Aquela da qual ele conhecia as origens, talvez no mesmo grau de entusiasmo de seu émulo imortal, levada em seu desfavor a distância no tempo, compensada, talvez, pelo desadorado preito de fidelidade ao medievo-renascentismo luso.

Sintamos a beleza, a graça e ao mesmo tempo a profundidade de sentimentos do poeta nesta

CANTIGA I

*Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros
Deslisa um rio de prantos
E corre um ar de suspiros.*

É o poeta bucólico, a fazer que um simples impacto com a natureza receba em palavras toda a carga emocional de uma alma ensombrecida de sofrimentos íntimos mal sopitados.

Tal como ocorre nesta interessante

VOLTA

*Tenho na alma dois moinhos,
Um é d'água, outro e de vento,
Ambos juntos e vizinhos
Estão sempre em movimento.
E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros
Dão ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros.*

Uma volta que parece ter seu complemento natural nos versos desta primorosa

ESPARSA I

*Há no meu peito uma porta
A bater constantemente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.
Em toda parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo.*

Anote-se que, no caso de Albano como no de Camões, pureza de linguagem não pressupõe, e muito menos impõe, compromissos com qualquer complicação vocabular; o que neste ressalta, assim como naquele, é a preocupação da palavra exata, mesmo simples, para expressão perfeita do pensar como do sentir.

Saiamos, porém, do suave e grácil encanto sonoro do metro menor e vamos, se bem que de relance, aludir ao verso, que Albano também trabalhou — a chamada *terza rima*, quando, debruçado sobre o vasto campo pagão da sua cultura, até certo ponto paradoxalmente embebida de um misticismo em que o panteísmo se fez nota predominante, compôs no metro preferido de Dante o seu poema "Triunfo", que assim tem seu início:

*Era no tempo, quando a terra perde
O alvo manto de neve e a doce Flora
Adorna o bosque e esmalta o campo verde.*

*Nos ares se ouve a música sonora
De Progne que lá vai, lânguida e lenta,
Tornando aonde Filomena mora.*

*Eis sobre o manso e livre de tormenta
Assento das Nereidas saúdosas
Um triunfo aos meus olhos se apresenta.*

Longo é o poema, talvez o último composto pelo grande poeta, segundo assim opina, em seu livro "*Literatura cearense*" o erudito mestre de literatura e escritor cearense Sâncio de Azevedo. Trata-se de um longo poema em que o trovadoresco e o conceituoso cedem vez ao edonístico. É o mundo dos deleites carnais, talvez impossíveis ao seu complexo personalíssimo de homem preconceituoso, e que ele criava em versos escandidos, vibrados. Um pinturesco mundo em que deuses e semideuses e ninfas desfilam, mas em tudo, se bem que dissimulado mas presente, está o sentimento do amor com sofrimento deleitoso:

*Ó tu, minha dulcíssima inimiga
Que a toda parte aonde me traslado,
Manda que o amor eterno me persiga;*

*O' tu que vais causando o meu cuidado
E fazes tanto mal, sendo tão boa,
Escuta os ais dum peito magoado.*

*Pois quando ordenas que este amor me doa,
Como uma ave cansada torna ao ninho,
Ao teu regaço o meu desejo voa.*

*Ah! não me deixes nunca andar sozinho
Mas dá-me sempre em aflição tamanha
Um pouco de consolo e de carinho.*

*O' meu sonho d'amor, tu me acompanha
Por esta vida às vezes tão escura,
Por esta vida às vezes tão estranha.*

*E com toda essa angélica doçura
Vai-me suavizando a saúde
Que tanto me atormenta e me tortura.*

*Porque enfim já me tudo persuade
Que onde não brilha o teu olhar sereno,
Não se pode encontrar felicidade.*

*Em vão corro, em vão mudo de terreno,
Em vão busco fugir aos meus pesares.
Em toda parte enfim padeço e peno.*

*Porém, se mansamente me guiares
Hei de vencer o duro sofrimento.
Guia-me sempre e não me desampares.*

Longo seria, porém, o citar e o comentar, com relação a toda a obra de José Albano, que também fez o drama religioso, em verso, compondo o bellissimo texto que intitulou "Comédia angélica", ao longo do qual há, de mistura, o êxtase pagão dionisíaco de par com as mais fundas meditações de cunho místico cristão, nisto como em outros casos, havendo, da parte do poeta, a que chamamos instintiva, para não dizer voluntária, preocupação camonística, ou seja, a de unir, em certos passos, o paganismo e o cristianismo, que ambos, ao final de contas, no contexto da evolução histórica ocidental, em determinado transe entre duas eras, andaram passo a passo, para não dizermos de mãos dadas. Daí, como já referimos noutro passo, as páginas singulares de doutrinação popular do livro *Orto do esposo*, do Século XIV lusitano, onde andam conceitos do pagão Sêneca ombro a ombro com citações de Santo Agostinho.

Chegamos, agora, sem quaisquer pretensões nem a trazer novidades nem a esgotar assunto, ao que pretendemos abordar, mais como informação do que como análise visando a uma conclusão: o José Albano épico.

O crítico cearense Braga Montenegro, uma das mais lúcidas revelações do Ceará literário nos últimos tempos no difícil campo da arte-ciência de Araripe Júnior, e que nos veio a faltar, repentinamente, quando na capital argentina, no dia 20 de novembro de 1979, Braga Montenegro — dizíamos — deixou organizada, para edificação dos pósteros, publicada pela Imprensa Universitária do Ceará em 1968, a mais completa edição que se poderia desejar da obra poética de José Albano, pois contém o que chamaríamos livros distintos, a saber: "Redondilha", "Cântico dos cânticos", "Canção a Camões e Ode à língua portuguesa", "Alegoria", "Endechas", "Quatro sonetos com tradução portuguesa em prosa", "Triunfo", "Dez sonetos escolhidos pelo autor" e "Outros sonetos".

Em seu estudo que faz preceder os textos poéticos, o saudoso escritor e nosso companheiro e amigo de Grupo de Clã dá ênfase muito especial ao poemeto intitulado "Alegoria". E discorda dos que, como o já por nós citado Agripino Grieco, o consideram enquadrável entre os poemas épicos de língua portuguesa, pois, segundo o autor de "*Correio retardado*", embora o atilado crítico de "Fetiches e fantoches" e "Caçadores de símbolos" tenha apelidado a pequena obra magistral de "o último canto dos *Lusíadas*", segundo o saudoso companheiro e amigo, nele se nota a "carência de certos requisitos, um deles o elemento mítico que se tivesse arraigado na alma popular, pois o desvio da frota de Cabral e a descoberta da nova terra" (*o Brasil*) — e este é o tema do poemeto — "é, talvez pelo inesperado da ocorrência, muito 'história' e pouco 'fábula', isto é, exclusivamente como expressão histórica tem realidade na inteligência do povo, ao passo que a viagem de Vasco da Gama se constituíra, muito antes de ser realizada, uma aspiração nacional e em torno dela se criaram lendas, se estabeleceram mitos, de tal sorte que não sabemos (*diz ele*) se a prosopopéia do Adamastor teria sido um produto exclusivo da imaginação criadora de Camões, ou se já existia como legenda na idealização da gente portuguesa."

Mas, não é do nosso interesse, ao fim desta arenga, provar e comprovar que "Alegoria", de Albano é um poema épico na mais lata extensão da palavra. Até porque é o próprio Braga Montenegro que, mais adiante, em seu percuciente trabalho, reconhece encontrar-se nele "certo condimento de epopéia, perceptível na altiloqüência da composição e divisão dos assuntos".

Até aí nos bastam as ambições. Isto porque nos contenta a nós, no caso do título sem dúvida intencional do poemeto, aquela acepção que lá está no velho *Dicionário português* de Frei Domingos Vieira: "a *alegoria* desenvolve um assunto, multiplicando as imagens." Pois não foi mais nem menos que isto o que fez o camoniano José Albano, no desejo de acrescentar aos feitos lusitanos a descoberta do Brasil, tão pouco aludida pelo grande Luiz no seu monumento às glórias lusas.

No caso de "Alegoria", "o canto compõe-se de 77 estrofes em oitava rima, com o mesmo ritmo e a mesma divisão silábica (em que predomina a cesura na 6.^a sílaba, somente admitida como variante a pausa na 4.^a e 8.^a), como são encontrados nos *Lusíadas*".

"Alegoria" foi pensado em termos épicos; tanto que começa com a *propositio*:

*Eu que tangia na primeira idade
A avena tão suave e tão sonora,
Cantando agora o Amor que o peito invade,
Agora a pena que no peito mora,
Quero que pelo mundo se traslade
Nova matéria não cantada outrora
E aos espaços etéreos se levante
Alto clangor de tuba retumbante.*

*Calem-se os meus suspiros saudosos,
Os meus brandos gemidos magoados,
As minhas esperanças e meus gozos,
As minhas iluzões e meus cuidados;
Que em lugar de queixumes amorosos
Espalho agora sons nunca escutados
E que seguir os passos determino
Do grande Vate Grego e do Latino.*

Em seguida vem a invocação, e esta é dirigida à força poética de Camões:

*O' Musa de Camões, tu que venceste
O difícil caminho, árduo e penoso,
De novo o teu poder se manifeste,
Pois sem auxílio a voz erguer não ousou;
Dá-me a imortal inspiração celeste
E o verso mais sublime e sonoro,
Para que este meu canto se acrescente
Ao dessa tua cítara eminente.*

*Olha que eu também canto Lusitanos,
Se não falece o fogo lá de cima,
Segundos Argonautas sobre-humanos
Que tu já celebraste em verso e rima:
Direi como venceram oceanos
E conquistaram glória que os sublima,
Chegando àquela parte desta esfera
Que é pátria da perpétua primavera.*

Logo mais, vem a parte do sonho do almirante Cabral, ainda a bordo da nau capitânea. Aparece o deus Hermes, que lhe diz:

*O' Lusíada ilustre, que em demanda
Vais dum terra oriental remota,
Dos deuses o Concílio ordena e manda*

*Que siga um novo rumo a tua frota:
Há de levar-te aura serena e branda
A região longínqua, ainda ignota,
E quanto o Céu determinou pretendo,
Mensageiro do Céu, ir descrevendo.*

Vem, então, em magistrais momentos de metro narrativo, a descrição do Brasil a ser revelado, como posse de Portugal, um verdadeiro jardim tropical — a primeiro anunciada Ilha de Vera Cruz:

*Já fiz surgir uma ilha nunca vista
Em meio do oceano, amena e doce,
Onde o audaz coração dado à conquista,
Pelos amores conquistado fosse;
E ali, longe de tudo que contrista,
Guiei as invencíveis naus, e trouxe,
Onde se repousassem das fadigas
De mares e de terras inimigas.*

.....

E por aí vai, de estrofe a estrofe, em ditirambos ao novo paraíso, com a chegada da Primavera, divindade que é descrita com requintes pagãos, ei-la que assim complementa o discurso entusiasmado e estimulante de Hermes:

*Aqui a vossa língua bela e branda
Que da latina fonte se deriva,
Há de escutar-se, pois o Fado manda
Que novamente aqui floresça e viva;
E quer que a doce música se expanda,
Não alcançando fama fugitiva,
Mas, apesar do tempo que a consome,
Co'a vossa língua dure o vosso nome.*

Depois do decantar, pela Primavera, de todos os encantos da nova terra portuguesa, assume a palavra o poeta que, após o regresso dos descobridores, encerra o poema:

*Musas, não mais! O último som derramo
E já se apaga a flama em que me alento,
E não vos peço imarcescível ramo
Em prêmios do mortal atrevimento:*

*Mas dai-me sempre aquilo que eu mais amo,
Musas, nunca deixeis que viva isento
De branda Poesia um peito brando
Que anda os vossos louvores celebrando.*

.....

E olha, coração meu, vê quanto gozas,

*Quando o sublime canto se traslada;
Nascem louros ainda, nascem rosas
Para trazer a fronte coroada;
E porque Apolo e as Musas amorosas
Tenham sempre na terra uma morada,
Sobre colunas dóricas levanto
Um novo Partenon eterno e santo.*

Assim, na medida das limitações do espaço de tempo convencional, procuramos mostrar, num escorço feito do menor, que em nenhum instante foi mesquinho, para o maior cuja grandeza não humilha o seguidor, a influência integradora que indiscutivelmente exerceu a arte poética, e mesmo a fascinante personalidade humana de Camões, na poesia de José Albano, glória inavaliável do Brasil poético, bem assim da língua e literatura portuguesas.